

11-11-2024

Envelhecer com dignidade: e se o Brasil fosse aquela pracinha?

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutora em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Era terça, dia 01/10/2024, dia de muito sol e calor, um dia como outro qualquer. **Será?** Numa pracinha aqui perto de casa havia crianças brincando, jovens conversando, adultos fazendo hora por algum motivo e pessoas idosas em banho de sol. Daqueles idosos, alguns eram bem ativos, outros apresentavam algum grau de dependência física e usavam cadeira de rodas, muletas e alguns tinham até cuidadores. Via-se de tudo quanto é tipo de pessoa idosa. Inclusive, tinha uma academia da terceira idade, mas que não estava sendo aproveitada. Nesse pequeno intervalo do meu dia, **pude ver algumas realidades de envelhecimento numa única praça**. Sabemos que esse tipo de espaço ao ar livre pode favorecer o bem-estar físico e mental, o que impacta positivamente na saúde e na qualidade de vida de pessoas idosas, principalmente no tocante à oportunidade de socialização ([Silva e Elali, 2015](#)). Por outro lado, pensando de maneira mais ampla sobre os aspectos que envolvem a saúde de uma população, ficam alguns questionamentos acerca do cenário de envelhecimento do nosso país, a partir dessa pracinha: quem tem acesso a esses espaços públicos? À moradia adequada? À alimentação e ao transporte? Acesso à saúde? Quais são as histórias de vida e trabalho desses sujeitos? Foram tantas reflexões... Naquele cenário pude ver também o quanto a **vida humana está cada vez mais longa e individualizada e que nem sempre é vivida com dignidade**. Sabemos que o envelhecimento é um desafio colocado à sociedade e, partindo de uma utopia situada na minha imaginação, pensei numa pracinha de pessoas sem rótulos, distinções, apenas pessoas humanas envelhecendo com oportunidades. **Uma pracinha utópica orientada pelo Ser**. A despeito do envelhecer prolongado, apesar de algumas conquistas que as **legislações** garantiram às pessoas mais velhas nos últimos anos, é fato que a velhice ainda é marginalizada, tanto que ao ouvir ou mencionar o termo velha ou velho, desperta-se sentimentos de vergonha, desconforto, desprezo, desta forma, preferindo-se o apagamento dos sujeitos velhos.

Falando em “apagamentos de vida na velhice”, nessa mesma pracinha, ao comprar bijuteria numa barraquinha, encontrei-me por acaso com a história de uma mulher idosa trans. Hoje com 67 anos de idade, sendo 5 deles como D’Ana, ela nos conta:

Eu vivo várias lutas, seja pelo meu benefício de aposentadoria da época que trabalhava numa empresa e ainda não era trans, pela busca de um novo trabalho fixo, enfrentando preconceitos e pela falta de dignidade inclusive no atendimento de saúde.

Sinto que sou discriminada quando estou no médico e no trabalho também. Isso acontece porque muitos ainda me enxergam como um homem velho, de saia e imoral.

Quantas vezes eu já ouvi “você pode fazer qualquer coisa dentro da sua casa, mas aqui fora não”. Quando olho pra trás, vejo que meu corpo vem resistindo a tudo quanto é tipo de violência e me sinto uma sobrevivente.

Vivo do trabalho do dia a dia e ainda ajudo minha filha.

A atividade de vendas das bijuterias, que eu mesma faço, é o que tenho pra hoje. Comecei a trabalhar como vendedora ambulante porque além da renda, precisava me sentir útil.

O relato de D’Ana aponta para uma temática ainda incipiente no campo do envelhecimento, no campo da saúde e no mundo do trabalho, que é a continuidade de pessoas idosas no trabalho. Associadas a esse cenário, tem-se as velhices LGBTQIAPN+, que coloca esses sujeitos em sua maioria à beira da marginalidade, tornando-os ainda mais isolados da sociedade ([Rebellato, Gomes e Crenitte, orgs, 2021](#)). Assim, é evidente que devemos nos atentar não só para a questão de exclusão pela idade cronológica, ou seja, o idadismo, mas também para a diversidade sexual inclusive na velhice. Dessa maneira, é reforçado que, para o avanço na efetivação dos direitos previstos em leis para pessoas idosas, devemos considerar as diferentes trajetórias de vida.

Ao final do nosso bate-papo e em meio a diferentes realidades de velhice encontradas na pracinha, lembrei-me propositalmente e comentei com D’Ana: **Aquele dia (01/10) não era um dia comum. Era o dia internacional das Pessoas Idosas e o dia em que o Estatuto da Pessoa Idosa completava 21 anos de existência. Logo, não era um dia qualquer, não! ■■■**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.